

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO - LET
CURSO DE LICENCIATURA EM LÍNGUA E LITERATURA JAPONESA

**ANÁLISE DO ASPECTO PRAGMÁTICO DA VOZ PASSIVA NA LÍNGUA
JAPONESA: COMPREENDENDO OS DOMÍNIOS DA TOPICALIDADE,
IMPESSOALIDADE E DETRANSITIVIDADE**

NAIARA FERREIRA MARTINS

BRASÍLIA
2017

NAIARA FERREIRA MARTINS

**ANÁLISE DO ASPECTO PRAGMÁTICO DA VOZ PASSIVA NA LÍNGUA
JAPONESA: COMPREENDENDO OS DOMÍNIOS DA TOPICALIDADE,
IMPESSOALIDADE E DETRANSITIVIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do
título de Licenciada em Letras - Língua e
Literatura Japonesa do Departamento de
Língua Estrangeira e Tradução, do Instituto de
Letras, da Universidade de Brasília.

Orientador: Professor Dr. Marcus Vinicius de
Lira Ferreira Tanaka

BRASÍLIA

2017

NAIARA FERREIRA MARTINS

**ANÁLISE DO ASPECTO PRAGMÁTICO DA VOZ PASSIVA NA LÍNGUA
JAPONESA: COMPREENDENDO OS DOMÍNIOS DA TOPICALIDADE,
IMPESSOALIDADE E DETRANSITIVIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do
título de Licenciada em Letras - Língua e
Literatura Japonesa do Departamento de
Língua Estrangeira e Tradução, do Instituto de
Letras, da Universidade de Brasília.

Brasília, 7 de julho de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Marcus Vinicius de Lira Ferreira Tanaka (Orientador)
Universidade de Brasília

Prof.^a Dr.^a Alice Tamie Joko
Universidade de Brasília

Prof.^a Dr.^a Yuko Takano
Universidade de Brasília

AGRADECIMENTOS

“Without language, thought is a vague, uncharted nebula”.

“Sem a linguagem, o pensamento é uma nebulosa vaga, inexplorada”.

Ferdinand de Saussure (1916, p. 11-112)¹

A linguagem tornou-se o objeto de estudo próprio da linguística, sendo assim, enunciados falados e escritos são investigados e descritos à luz de seus princípios teóricos. Com isso, entende-se que nenhuma língua é intrinsecamente melhor do que outra, o que se tem é um campo fértil de variações do sistema linguístico, em que cada língua é capaz de expressar não apenas códigos, mas a cultura do povo que a fala.

Acredito que tenham sido esses motivos que me levaram ao estudo de outro ramo da ciência, inclusive, em diversos currículos de Universidades estrangeiras, o estudo da linguagem é pressuposto teórico básico para as ciências jurídicas, prerrogativa da própria construção do pensamento lógico-sistemático como aludido pela inquietação de Saussure. Foi a linguística, como ramo científico autônomo, que, desde o primeiro semestre do Curso de Letras, sensibilizou-me pela busca da compreensão dessa capacidade eminente e exclusivamente humana, expressa por meio das línguas.

Desse modo, inicialmente, gostaria de deixar um agradecimento especial ao meu orientador, Professor Marcus Vinicius de Lira Ferreira Tanaka (Lira), por me manter serena e motivada ao longo desta curta jornada de investigação e compreensão dos domínios da voz passiva da língua japonesa que se apresenta ainda de forma embrionária. Agradeço-lhe por me lembrar sobre a relação simbiótica entre a forma e a função (bem funcionalista), entendendo as minhas limitações e buscando a melhor expressão do meu potencial.

Agradeço ao corpo docente do Curso de Letras Licenciatura - Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília pelo acolhimento e por demonstrarem o significado de uma comunidade em nosso cotidiano. Aproveito para também deixar um agradecimento aos meus queridos amigos e às minhas queridas amigas que me acompanharam nesse caminho, o

¹ SAUSSURE, Ferdinand de. *Course in General Linguistics*. New York: Philosophical Library, 1916, p. 111-112.

cruzamento de vários semestres (como é difícil manter o fluxo institucional) e a construção de belas memórias e comemorações (que sempre tinham comida como grande espetáculo).

Direciono meus agradecimentos, repletos de amor e carinho, aos meus pais, Lucimar e Giorgenes, pelo apoio incondicional, mesmo diante de tempos nebulosos, e por não deixaram de me incentivar e demonstrar que devemos lutar pelo que acreditamos para nos tornarmos agentes transformadores. Ao meu querido irmão, Cauã (サイヤ人), em que mais uma vez posso fazer sua honrosa e digna menção em um trabalho monográfico, agradecendo-lhe pelo companheirismo e suporte.

Espero que o espírito de entendimento da dinamicidade da língua e o funcionamento desta como catalisadora de diversos contextos de uso instigue a busca pela continuidade desta pesquisa em cada leitor e leitora.

RESUMO²

Esta pesquisa monográfica possui como eixo condutor a compreensão da voz verbal, em específico da voz passiva, e as mudanças morfossintáticas, em específico, da língua japonesa, tanto da estrutura de um vocábulo quanto da relação entre os argumentos de uma sentença. Diante da abordagem funcional tipológica da compreensão da língua como um sistema de produção de significados, analisa-se o conjunto de situações comunicativas sob o aspecto pragmático. Nessa perspectiva, não apenas o estudo dos significados linguísticos, mas também pela dedução a partir de um contexto extralinguístico, busca-se compreender o uso da voz passiva enquanto estrutura marcada. Esta pesquisa procura conhecer os parâmetros para a determinação das variações possíveis nos domínios da topicalidade, impessoalidade e detransitividade, inicialmente, nas línguas portuguesa e inglesa. Desse modo, por meio da determinação de material de pesquisa e o referencial teórico sobre a derivação em passiva, realizou-se a coleta e análise de dados pelo método indutivo compreendendo cada um dos domínios na voz passiva da língua japonesa. Assim, diante do entendimento da preferência do locutor pela forma marcada da voz passiva, torna-se possível compreender os recursos morfossintáticos da marca de passividade da língua japonesa como ferramenta para maior compreensão de seu uso comunicativo. Em conclusão, verificou-se que a voz passiva da língua japonesa fornece parâmetros de análise para a determinação das variações possíveis diante dos domínios citados, especialmente, quanto às Passivas Eventivas, mas, não se configurou a possibilidade de compreender o domínio da detransitividade nas Passivas Estativas.

Palavras-chave: Abordagem funcional tipológica. Aspecto pragmático. Voz Passiva da Língua Japonesa. Topicalidade. Impessoalidade. Detransitividade.

² Sugestão para citação: MARTINS, Naiara Ferreira. *ANÁLISE DO ASPECTO PRAGMÁTICO DA VOZ PASSIVA NA LÍNGUA JAPONESA: COMPREENDENDO OS DOMÍNIOS DA TOPICALIDADE, IMPESSOALIDADE E DETRANSITIVIDADE*. 2017. 43 f. Monografia (Graduação Letras Licenciatura em Língua e Literatura Japonesa). Orientador: Professor Dr. Marcus Vinicius de Lira Ferreira Tanaka. Departamento de Língua Estrangeira e Tradução, do Instituto de Letras, da Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

ABSTRACT

This monographic research has as principal axis in the understanding of the verbal voice, in specific of the passive voice, and the morphosyntactic changes of the language, especially of the Japanese language, in the structure of a word and in the relation between the arguments of a sentence. In front of the functional typological approach to the understanding of language as a system of meaning production, analyzing the set of communicative situations under the pragmatic aspect, that is, not only the study of linguistic meanings, but also by deduction from an extralinguistic context, the aim is to understand the use of the passive voice as a marked structure. This research seeks to understand the parameters for the determination of possible variations in the domains of topicality, impersonality and detransitivity, initially in the Portuguese and English languages. Thereby, through the determination of research material and the theoretical reference on passive derivation, the data collection and analysis was performed by the inductive method comprising each one of the domains in the passive voice of the Japanese language. Therefore, in front of the speaker's preference for the marked passive form, it becomes possible to understand the morphosyntactic features of the passivity mark of the Japanese language as a tool for a better understanding of its communicative use. In conclusion, it was verified that the passive voice of the Japanese language provides parameters of analysis for the determination of the possible variations in front of the mentioned domains, especially in relation to the Eventive Passives, but, it was not configured to understand the domain of detransitivity in the Stative Passives.

Keywords: Typological functional approach. Pragmatic aspect. Passive voice of the Japanese language. Topicality. Impersonality. Detransitivity.

ABREVIACÕES E CONVENÇÕES

AG – Agente

ADV - Advérbio

AUX.V – Auxiliar verbal

ARG.Extra – Argumento extra

OBJ – Objeto

NP – Não Passado

PAC – Paciente

PASS - Passado

V – Verbo

VA - Voz Ativa

VPA – Voz Passiva Analítica

VPD – Voz Passiva Direta

VPI – Voz Passiva Indireta

VPS – Voz Passiva Sintética

PRON.APASS – Pronome Apassivador (clítico)

PEVENT - Passivas Eventivas

PESTAT - Passivas Estativas

TE – Forma *te*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. A ABORDAGEM FUNCIONAL TIPOLOGICA COMO PONTO DE PARTIDA PARA ANÁLISE DA DERIVAÇÃO EM PASSIVA SEGUNDO OS DOMÍNIOS DA TOPICALIDADE, IMPESSOALIDADE E DETRANSITIVIDADE	13
1.1 O aspecto pragmático da derivação em passiva: análise dos domínios da topicalidade, impessoalidade e detransitividade	14
1.2 A análise dos domínios da topicalidade, impessoalidade e detransitividade por meio dos recursos morfossintáticos da voz passiva nas línguas portuguesa e inglesa	17
1.3 A introdução da análise dos recursos morfossintáticos da marca de passividade da língua japonesa como ponto de partida para a compreensão dos domínios da topicalidade, impessoalidade e detransitividade	22
2. OS PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	28
2.1 Os pressupostos metodológicos do objeto de pesquisa	28
2.2 Os pressupostos metodológicos para análise de dados.....	31
3. A ANÁLISE DE DADOS REFERENTE AOS RECURSOS MORFOSSINTÁTICOS DA MARCA DE PASSIVIDADE DA LÍNGUA JAPONESA	32
3.1 A análise de dados da Voz Passiva Eventiva da língua japonesa para a compreensão dos domínios da topicalidade, impessoalidade e detransitividade	33
3.2 A análise de dados da Voz Passiva Estativa da língua japonesa para a compreensão dos domínios da topicalidade, impessoalidade e detransitividade	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS	41

INTRODUÇÃO

A voz verbal descreve a relação entre a ação ou o estado que o verbo expressa com seus participantes identificados por meio de argumentos (REZENDE, 2011, p. 23). A noção de vozes verbais é ilustrada pela primeira gramática do ocidente, do século II a.C., nomeada “Gramática de Dionísio, o Trácio”, que traz a representação terminológica e nocional próxima ao que se visualiza nas gramáticas atuais (ROCHA, 2013, p. 46). A voz verbal deriva do vocábulo *diathesis*, do grego clássico, expressão utilizada por Dionísio, que traz a categorização gramatical em referência ao estado ou condição que o verbo agrega à sentença (ROCHA, 2013, p. 46).

Nesse sentido, o sistema de voz verbal adquire importância para a compreensão das diversas instâncias de uso da expressão linguística. Assim, torna-se uma categoria de estudo para a compreensão das mudanças morfossintáticas, ou seja, tanto da estrutura de um vocábulo (análise morfológica) quanto da relação entre os argumentos de uma sentença (análise sintática). Destaca-se ainda que os teóricos funcionais demonstram, em sua literatura, um aspecto de domínio multifatorial da voz a partir da compreensão de que as estruturas linguísticas não são isoladas, existindo-se diversos fatores para a análise da voz verbal (CAMACHO, 2000, p. 216).

Com isso, a presente pesquisa monográfica irá trazer a percepção e análise de uma das possibilidades de voz verbal, a voz passiva. Assim, por meio da análise dos aspectos morfológicos no campo de estudo da pragmática, que a voz passiva adquire na língua japonesa, tendo como ponto de partida os pressupostos morfossintáticos da voz passiva presentes nas línguas portuguesa e inglesa, busca-se compreender o comportamento, a distinção e a funcionalidade (comportando limitações) da voz passiva na língua japonesa. Indica-se ainda que a análise morfológica do comportamento da voz passiva na língua japonesa será estudada com a compreensão de que a voz passiva é apenas uma pequena parcela do domínio funcional da multidimensionalidade de uma língua (GIVÓN, 2001, p. 91).

Diante disso, ilustra-se a importância da linguagem para o ser humano e a necessária análise dos processos que estão na base da utilização da língua como meio de comunicação. Desse modo, justifica-se a necessidade concreta da existência de pesquisas linguísticas para apresentar e fundamentar o uso de certos processos comunicativos em detrimento de outros.

Nota-se que o uso da voz passiva pressupõe uma justificativa para sua eleição no processo comunicativo, afinal, existe a estrutura não marcada - natural para o processo comunicativo - da voz ativa (HAWAD, 2004, p. 98). A partir disso, a voz passiva pode ser vista como a derivação da voz ativa, sendo que, nesta, o sujeito será o agente da ação proposta pelo verbo, uma voz verbal construída sem marcação (DIXON, 2012, p. 205).

Indica-se, como fator de compreensão semântica da derivação em passiva, que o vocábulo ‘passivo’ possui a mesma raiz latina de paixão (BONDÍA, 2002, p.24), assim, ambas relacionadas ao significado de sofrimento, padecimento. Desse modo, temos o significado genérico de voz passiva, o qual se relaciona à voz que expressa a ação sofrida pelo sujeito/agente.

Diante dessa compreensão, e partindo da construção do protótipo de voz passiva pela literatura linguística, Givón (1981 apud CAMACHO, 2000, p. 216) propõe 3 (três) domínios de função que irão nortear o desenvolvimento da presente pesquisa para análise da voz passiva, quais sejam: a) topicalidade; b) impessoalidade; c) detransitividade.

Em relação à topicalidade, destaca-se que na voz ativa, Givón (1994, p. 8) define, pragmaticamente, que a topicalidade é conferida mais ao paciente (sujeito tido a princípio como argumento único) do que ao agente (da passiva). Assim, a topicalidade refere-se à atribuição da função de tópico a um argumento não-agente, ou seja, ao paciente (CAMACHO, 2000, p.216). Quanto à impessoalidade, percebe-se a supressão da identidade do agente, geralmente o sujeito da sentença ativa, ou mesmo sua função mais periférica, sendo que a escolha caberá ao locutor no momento de selecionar a construção da sentença (CAMACHO, 2000, p.216).

Por fim, em relação à detransitividade, ocorre uma construção do verbo, para a formação da voz passiva, semanticamente menos ativa, ou seja, menos transitiva, adquirindo característica mais estativa quando comparado com a construção da sentença correspondente na voz ativa, a qual apresenta alto grau de transitividade do verbo (CAMACHO, 2000, p.216).

Diante da conceituação inicial dos domínios de função atinentes ao protótipo da derivação em passiva, apresenta-se como pergunta-chave para a pesquisa monográfica: a construção morfológica da voz passiva da língua japonesa, diante da abordagem funcional tipológica, fornece parâmetros de análise para a determinação das variações possíveis nos domínios da topicalidade, impessoalidade e detransitividade?

Portanto, o objetivo geral do trabalho é analisar, diante da abordagem funcional tipológica, sob o aspecto pragmático, os parâmetros para a determinação das variações

possíveis nos domínios da topicalidade, impessoalidade e detransitividade na voz passiva da língua japonesa como ferramenta para maior compreensão de seu uso comunicativo.

Diante do exposto, torna-se importante, quanto aos objetivos específicos, sistematizar dados referentes à voz passiva na língua japonesa com as mudanças morfológicas e sintáticas em sua construção. Assim, busca-se identificar, diante de aspectos pragmáticos, as ocorrências nos domínios da topicalidade, impessoalidade e detransitividade.

O eixo condutor desta pesquisa, por sua vez, se divide em três capítulos, com objetivo de analisar o uso comunicativo das formas de construção da voz passiva na língua japonesa diante dos citados domínios. Dessa forma, busca-se conhecer a literatura existente referente à compreensão do estudo das vozes, em específico da voz passiva, a fim de demonstrar a importância do entendimento das mudanças morfossintáticas da derivação em passiva na língua japonesa para a realização do processo comunicativo de acordo com a intenção dos interlocutores.

No Capítulo 1, pretende-se demonstrar o contorno conceitual e o referencial teórico que justificam a eleição no processo comunicativo de uma estrutura marcada, como a voz passiva. Assim, diante da abordagem funcional tipológica, sob o aspecto pragmático, procura-se compreender a ocorrência dos domínios da topicalidade, impessoalidade e detransitividade, inicialmente, nas línguas portuguesa e inglesa, para garantir, posteriormente, o início da discussão e análise dos dados para a compreensão dos domínios na voz passiva da língua japonesa.

No Capítulo 2, por sua vez, aborda-se o escopo metodológico para a apresentação e fundamentação do formato de coleta dos dados para correta análise da presente pesquisa, tendo assim, como tarefa principal, a explicação dos processos que envolvem a linguagem, em específico a derivação da voz passiva na língua japonesa. Portanto, diante da definição do material de pesquisa, busca-se realizar a coleta e análise de dados pelo método indutivo, em que são considerados casos particulares para a compreensão e conclusão de uma verdade geral.

O Capítulo 3, nesse sentido, destina-se à análise de dados quanto aos recursos morfossintáticos da derivação em passiva na língua japonesa. Assim, compreender, diante de um referencial de dados comunicativos com utilização da voz passiva, os parâmetros de análise para a determinação das variações possíveis da construção da voz passiva quanto aos domínios da topicalidade, impessoalidade e detransitividade.

Dessa forma, o presente trabalho monográfico justifica-se na necessidade de estudos contínuos sobre os processos linguísticos das línguas, em específico da língua japonesa.

Indica-se ainda que o estudo monográfico possa vir a ser uma fonte de pesquisa e revisão da bibliografia compilada sobre a área de linguística que será cada vez mais valorizada na proposta de novo currículo do Curso de Licenciatura em Letras Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília.

1. A ABORDAGEM FUNCIONAL TIPOLOGICA COMO PONTO DE PARTIDA PARA ANÁLISE DA DERIVAÇÃO EM PASSIVA SEGUNDO OS DOMÍNIOS DA TOPICALIDADE, IMPESSOALIDADE E DETRANSITIVIDADE

A linguagem é uma ferramenta essencial para a interação humana, descreve o papel para sua comunidade de usuários. Segundo Dixon (2012, p. 434), “a língua desempenha um papel fundamental na satisfação das necessidades físicas, assegurando a integração social e mantendo um equilíbrio mental”³.

Nesse sentido, a linguagem é compreendida como uma habilidade, a capacidade que apenas os seres humanos possuem de se comunicar por meio da língua, sendo esta o sistema de signos vocais utilizados como meio da comunicação (MARTELOTTA et al, 2008, p. 10). Assim, ao estudar a linguística, a preocupação não reside apenas na estrutura particular das línguas, mas nos processos que estão na base da utilização da língua como meio de comunicação.

Dessa forma, será um desses processos linguísticos, ligados à compreensão da utilização da língua, que será introduzido no presente capítulo. A voz verbal, em específico a voz passiva da língua japonesa, enquanto parcela do domínio funcional da multidimensionalidade da língua, será estudada em seu aspecto pragmático, buscando-se entender suas mudanças morfossintáticas e o desenvolvimento dos 3 (três) domínios propostos por Givón (1981 apud CAMACHO, 2000, p. 216).

O uso da voz passiva pressupõe uma justificativa para sua eleição no processo comunicativo por ser uma estrutura marcada, sofrendo mudanças morfológicas e/ou sintáticas a depender da língua estudada em questão. Assim, a primeira parte deste capítulo buscará definir a abordagem funcional tipológica como fundamento de análise deste trabalho monográfico sob o aspecto pragmático da derivação em passiva para a compreensão dos domínios da topicalidade, impessoalidade e detransitividade.

Por sua vez, a segunda parte deste capítulo busca compreender como os domínios da topicalidade, impessoalidade e detransitividade se expressam na voz passiva das línguas portuguesa e inglesa. Indica-se que a presente pesquisa não busca como premissa norteadora a realização de estudo eminentemente comparativo, ou seja, contrapor estruturas para a realização de regras universais, mas, ter uma base sólida e fundamentada sobre a apresentação desses domínios a fim de garantir efetividade na análise da voz passiva da língua japonesa.

³ Tradução livre a partir da compreensão da frase original: “Language plays a fundamental role in satisfying physical needs, ensuring social integration, and maintaining a mental balance”.

A terceira parte do capítulo busca, mesmo que de forma embrionária, introduzir a discussão e análise de tais domínios em relação à voz passiva japonesa, assim, contribuindo para os estudos já existentes sobre os domínios que não foram aplicados à língua em questão.

Por conseguinte, o presente capítulo irá consolidar a fundamentação teórica base para a compreensão de cada um dos conceitos operacionais alvos do objeto de pesquisa. Assim, tem-se como eixo condutor a abordagem funcional tipológica, ou seja, a análise das influências do meio sobre as estruturas gramaticais e a intencionalidade dos interlocutores no uso comunicativo, a fim de classificar as línguas de acordo com suas características estruturantes pela seleção e investigação de dados (SILVA, 2011, p. 25-26).

1.1 O aspecto pragmático da derivação em passiva: análise dos domínios da topicalidade, impessoalidade e detransitividade

A abordagem funcional, baseada na compreensão da língua como um sistema de produção de significados, analisando o conjunto de situações comunicativas, demonstra que as construções de voz exercem uma diversidade de valores, tanto na perspectiva semântica quanto na pragmática (CAMACHO, 2000, p. 216). Segundo Givón (1994, p. 3), no domínio funcional da língua, a voz talvez seja a mais complexa codificação da gramática, que, no ponto de vista estrutural, tem-se a voz como natural de qualquer língua, na qual há a permeabilidade entre as fronteiras da semântica e da pragmática.

Desse modo, não se torna simples a conceituação de construções apartadas de um contexto comunicativo como contendo aspectos de voz mais semânticos ou pragmáticos diante da potencial sobreposição desses dois institutos linguísticos. Tendo em vista o recorte deste trabalho, a análise da derivação em passiva se limitará ao estudo dos aspectos pragmáticos da voz por duas razões em específico.

A primeira razão para escolha do ramo linguístico da pragmática revela-se por esta utilizar o contexto de uso da linguagem na comunicação, fortalecendo, assim, a abordagem funcional tipológica da língua como ambiência de pesquisa. Nesse aspecto, a pragmática detém-se não apenas ao estudo dos significados linguísticos determinados pela semântica explícita de uma sentença, mas também pela dedução a partir de um contexto extralinguístico, a compreensão da intenção do interlocutor (GIVÓN, 2001, p. 91-92).

A segunda razão para a preferência da análise da voz verbal do ponto de vista da pragmática consubstancia-se nos estudos de Givón (2001, p. 91). O Estudo de Givón

demonstra que a voz passiva é compreendida, primeiramente, em seu aspecto pragmático, em especial quanto a um dos três domínios de análise da voz verbal, atinente a detransitividade, domínio que será caracterizado de melhor maneira ao longo deste trabalho monográfico.

Segundo Dixon (2012, p. 206), a derivação em passiva traz quatro características básicas (protótipo) para a compreensão da voz, são elas aplicadas às orações transitivas, quais sejam:

- (a) Aplica-se a uma oração transitiva subjacente e forma uma intransitiva derivada.
- (b) o O [objeto transitivo] subjacente se torna S [argumento único intransitivo] da passiva.
- (c) o A [sujeito transitivo] subjacente entra em uma função periférica, sendo marcada por um caso não-central, aposição, etc.; esse argumento pode ser omitido, embora sempre exista a opção de incluí-lo.
- (d) Existe uma marcação formal explícita (isto é, não-zero) de uma construção em passiva; esse pode ser um processo morfológico que se aplica ao verbo, ou uma construção verbal perifrástica (como em inglês, em que envolve o verbo auxiliar ‘*be*’, mais o sufixo *-en* ou *-ed* no verbo)⁴.

Dessa forma, conforme as características básicas mencionadas, ou seja, o protótipo da voz passiva, destaca-se a posição que o ‘paciente’ ocupa, tendo maior topicalidade que o ‘agente’, sendo promovido a sujeito/tópico, torna-se, portanto, um paciente não volitivo e não controlado (GIVÓN, 2001, p. 93). Enquanto isso, o agente – sujeito da voz ativa – poderá ser mantido ou suprimido dependendo do contexto de uso do interlocutor, de qualquer modo, assumindo uma função mais periférica (CAMACHO, 2000, p. 230). Ademais, indica-se que a voz passiva possui uma marcação morfológica de sua passividade, ou seja, possui expressamente uma marcação, o que a difere da voz ativa, a qual não tem marcação (morfema zero).

Em um ponto de vista comparativo sobre a marcação morfológica da voz passiva, na língua japonesa, torna-se um processo morfológico inerente ao próprio verbo, alterando-se a sua estrutura. Por outro lado, tanto na língua portuguesa como na inglesa, existe o recurso morfossintático inserido pelo auxiliar verbal para garantir a realização da voz passiva (CAMACHO, 2000, p. 231-232).

⁴ Tradução livre a partir da compreensão da frase original: “(a) Applies to an underlying transitive clause and forms a derived intransitive. (b) The underlying O [transitive object] becomes S [intransitive subject] of the passive. (c) The underlying A [transitive subject] goes into a peripheral function, being marked by a non-core case, adposition, etc.; this argument can be omitted, although there is always the option of including it. (d) There is some explicit (that is, non-zero) formal marking of a passive construction; this can be a morphological process applying to the verb, or a periphrastic verbal construction (as in English, where it involves auxiliary verb *be*, plus suffix *-en* or *-ed* on the verb)”.

Portanto, compreende-se que o sistema de voz verbal é uma categoria importante de estudo, tanto em seu aspecto semântico quanto no seu aspecto pragmático, embora a pesquisa central deste trabalho seja apenas quanto ao segundo aspecto. Desse modo, uma das principais características atribuídas à voz passiva é a função mais periférica do agente, conferindo maior topicalidade ao paciente, ou mesmo a marca de sua supressão, segundo Shibatani (1985 apud THOMPSON, 1994, p. 47).

Todavia, a possibilidade de supressão ou manutenção do agente, de modo periférico, não pode ser a única forma de análise da voz passiva, para isso, Givón (1981 apud CAMACHO, 2000, p. 216) propõe 3 (três) domínios de função para análise da voz passiva, são estes: a) topicalidade; b) impessoalidade; c) detransitividade.

Em relação à topicalidade, destaca-se que na voz ativa, Givón (1994, p. 8) define, pragmaticamente, como uma voz construída por um agente mais tópico do que o paciente, contudo, o paciente ainda retém, em seu escopo, certa topicalidade, sendo necessária à sua representação. Confere-se o oposto, porém, ao protótipo da voz passiva, o qual a topicalidade é conferida mais ao paciente (sujeito) do que ao agente (da passiva), conforme fundamentação das características básicas descritas por Dixon (2012, p. 206).

Nesse sentido, a topicalidade é a atribuição da função de tópico a um argumento não-agente, em relação à voz passiva, ao paciente (CAMACHO, 2000, p.216). Quanto à impessoalidade, percebe-se a supressão da identidade do agente, geralmente o sujeito da sentença ativa, (CAMACHO, 2000, p.216), seria a chamada estratégia de sujeito-zero, segundo Givón (2001, p. 135), ou mesmo sua função mais periférica, sendo que a escolha caberá ao interlocutor no momento de selecionar a construção da sentença. A análise da impessoalidade envolve tanto aspectos pragmáticos quanto semânticos, assim, traz um caráter (des)individualizante com a indeterminação da entidade prototipicamente agentiva, desenvolvendo, portanto, entidades inanimadas na posição argumental – sujeito paciente (CAMACHO, 2000, p.218).

Por fim, em relação à detransitividade, ocorre uma construção do verbo, para a formação da voz passiva, semanticamente menos ativa, ou seja, menos transitiva, adquirindo característica mais estativa quando comparada com a construção da sentença correspondente na voz ativa, a qual apresenta alto grau de transitividade do verbo (CAMACHO, 2000, p.216). Camacho (2000, p. 231) observa que a detransitivização da voz passiva necessita da mediação de procedimentos morfossintáticos, que, quanto à voz passiva da língua portuguesa, em uma

de suas variações, necessita da inserção de auxiliar e a desinência de particípio no verbo tido como principal para tornar a construção verbal estativa, ou seja, menos ativa.

Segundo Givón (2001, p. 91-93), o domínio da detransitividade verbal varia, consideravelmente, de uma língua para outra por meio das construções morfossintáticas e distribuição funcional das sentenças. Assim, a detransitividade conecta-se com os outros dois domínios – topicalidade e impessoalidade – garantindo-os maior predominância, principalmente em seu aspecto pragmático.

A partir da compreensão dos aspectos teóricos referentes à caracterização da forma prototípica da voz passiva, torna-se necessária a compreensão dos recursos morfossintáticos da voz passiva nas línguas portuguesa e inglesa como ponto de partida para a análise da voz passiva na língua japonesa.

1.2 A análise dos domínios da topicalidade, impessoalidade e detransitividade por meio dos recursos morfossintáticos da voz passiva nas línguas portuguesa e inglesa

A voz passiva na língua portuguesa é identificada por meio de duas formas diversas de construção da voz: a) Voz Passiva Analítica (VPA); e b) Voz Passiva Sintética (VPS). A Voz Passiva Analítica utiliza o recurso morfossintático inserido pelo auxiliar verbal ‘ser’ e o chamado ‘verbo principal’ com o morfema terminal, a desinência modo-temporal, no particípio para garantir a realização da voz passiva. Assim, na VPA confere-se a topicalidade ao paciente (sujeito), variando o grau de focalização ao agente (HAWARD, 2004, p. 97).

Nota-se que a VPA traz a tematização do objeto da voz ativa, o qual é o paciente de um processo verbal sem, necessariamente, que haja a especificação do agente, cabendo a sua manutenção ou supressão ao livre-arbítrio do interlocutor (HAWARD, 2004, p. 99). Assim, a Voz Passiva Analítica ((1) b.) constrói-se da seguinte maneira, em oposição à voz ativa ((1) a.):

- (1) a. Os estudantes resolveram a prova. (Voz Ativa - VA)

AG – V – PAC (OBJ)

- b. A prova **foi** resolvida pelos estudantes. (Voz Passiva Analítica)

PAC - AUX.V - V - AG

Na transformação – ativa para passiva analítica – os papéis são mantidos no exemplo (1) - agente, paciente – mas, a função muda. Dessa forma, na VPA, o verbo auxiliar ‘ser’ assume o tempo e o modo do verbo principal da ativa, ao passo que o verbo principal torna-se invariável por ter a desinência modo-temporal de verbo-nominal no particípio. Assim, como existe uma barreira com a desinência no particípio que a impede de selecionar argumento, o qual ocorre na voz ativa, o paciente é colocado no início da sentença para que seja atribuído caso. Indica-se também que o agente geralmente é acompanhado por preposição, a exemplo de (1) b., em que há utilização da contração da preposição ‘por’ em ‘pelos’ (por + os).

Analisando-se os 3 (três) domínios de função de Givón (1981 apud CAMACHO, 2000, p. 216) na construção da Voz Passiva Analítica da língua portuguesa, em relação à topicalidade, percebe-se que o paciente é mais tópico que o agente, sendo aquele promovido de forma explícita, embora o agente, no exemplo (1) b., retenha certa característica de topicalidade. Em relação ao domínio da impessoalidade, o interlocutor fez a manutenção do agente na construção da sentença (1) b., assim, demonstra-se que a VPA possui a característica não obrigatória da impessoalidade. Quanto ao último domínio, a detransitividade, quando se compara o grau de transitividade da voz ativa ((1) a.) com a voz passiva analítica ((1) b.), nota-se que a inserção do auxiliar torna o verbo menos transitivo na construção da sentença, adquirindo grau mais estativo.

Segundo Hawad (2004, p. 100-101), são dois os motivos para a escolha comunicativa da Voz Passiva Analítica. O primeiro motivo relaciona-se topicalidade do paciente por meio da tematização do objeto da voz ativa, assim, cumprir-se-ia uma das tarefas funcionais reconhecidas ao Tema - relacionado ao elemento do enunciado que é de conhecimento pelos interlocutores, próximo ao que se entende por tópico -, referente à continuidade do tópico discursivo, ou seja, uma facilitação do processamento cognitivo do texto. Mostra-se a existência da coisa colocando-a em primeiro plano, como núcleo da sentença, mesmo que seja uma forma abstrata.

O segundo motivo para o uso comunicativo da Voz Passiva Analítica, na língua portuguesa, seria de conferir foco relativo ao agente, ou seja, a intenção de ocultar o agente é um recurso linguístico de escolha do interlocutor, demonstrando o seu aspecto pragmático. Desse modo, caso o interlocutor quisesse garantir a constituição explícita do agente na sentença, utilizar-se-ia a voz ativa em detrimento da voz passiva.

A outra forma de construção da voz passiva na língua portuguesa é identificada pela Voz Passiva Sintética (VPS), a qual utiliza o recurso morfossintático do pronome clítico ‘se’,

que terá a função de pronome apassivador, e o verbo principal flexionado. Conforme Hawad (2004, p. 97), nota-se que o uso comunicativo de VPS confere maior proeminência ao processo, ou seja, ao verbo, sem a especificação do agente, tendo o paciente posicionado no Rema, ou seja, a informação nova trazida à sentença (não era de conhecimento dos interlocutores), seria, portanto, o assunto que se diz sobre que ou quem. Assim, a Voz Passiva Sintética ((2) b.) constrói-se da seguinte maneira, em oposição à voz ativa ((2) a.):

(2) a. Os estudantes resolveram a prova. (Voz Ativa)

AG – V – PAC (OBJ)

b. Resolveu-se a prova. (Voz Passiva Sintética)

V - PRON.APASS. - PAC

Na transformação – ativa para passiva sintética – há a supressão do agente, enquanto o paciente adquire função de sujeito, não de objeto como na voz ativa, demonstrado pela adequação da desinência do verbo. Assim, a VPS oferece a possibilidade de expressão do conteúdo da sentença sem a especificação do agente, topicalizando-se o verbo na primeira posição da sentença ao invés do paciente (Hawad, 2004, p. 99).

Portanto, analisando-se os 3 (três) domínios de função de Givón (1981 apud CAMACHO, 2000, p. 216) na construção da Voz Passiva Sintética da língua portuguesa, em relação à topicalidade, percebe-se que o agente não é tópico, tampouco tem a necessidade de sua especificação, por isso, é suprimido (inclusive semanticamente). Indica-se também, quanto à topicalidade, que embora o paciente seja mais tópico que o agente, a topicalidade concentra-se no verbo, o qual é colocado em primeiro plano, diferindo-se, desse modo, da Voz Passiva Analítica (CAMACHO, 2000, p. 230).

Quanto ao domínio da impessoalidade, percebe-se sua preponderância na construção da VPS, demonstrando-se enquanto domínio mais expressivo desta variação da derivação em passiva na língua portuguesa, pela necessária supressão do agente, (des)individualizando a oração e marcando a intenção do interlocutor. Assim, quanto ao domínio da detransitividade, a sentença na VPS deixa de ser semanticamente detransitiva pela predominância do domínio funcional da impessoalidade, mantendo, dessa forma, o traço ativo-transitivo da voz ativa. Nesse sentido, segundo Camacho (2004, p. 231), “[...] quanto menos uma língua atribuir marcação de Sujeito/Agente a Tópico, tanto mais a construção de voz mantém traços

transitivos e ativos e tende a suprimir o agente da ativa [...]”. Desse modo, fortalece-se a fundamentação advinda pelas gramáticas tradicionais de que as construções impessoais seriam tidas como passivas reais (CAMACHO, 2004, p. 218).

A partir da compreensão do uso comunicativo, em uma abordagem funcional tipológica da voz passiva na língua portuguesa, identificando suas duas construções de voz - Voz Passiva Analítica e Voz Passiva Sintética – e analisando a correspondência na perspectiva pragmática dos 3 (três) domínios de Givón apresentados, neste trabalho monográfico, compreendem-se os domínios funcionais na formação da voz passiva na língua inglesa.

A derivação da passiva na língua inglesa utiliza como recurso morfossintático a inserção do auxiliar ‘*to be*’ e o verbo principal, seja caracterizado como regular ou irregular, com a terminação do particípio passado. Segundo Rezende (2011, p. 24), a língua inglesa caracteriza-se como uma língua de uso extensivo da voz passiva em que a derivação da passiva ((3) b.) pode se expressar do seguinte modo, em contraste com a voz ativa ((3) a.):

(3) a. *John washed the car.* (Voz Ativa)

AG – V – PAC (OBJ)

‘John lavou o carro’.

b. *The car **was washed** by John.* (Voz Passiva)

PAC - AUX.V - V – AG

‘O carro foi lavado por John’.

A partir do exemplo apresentado e da compreensão dos recursos morfossintáticos da voz passiva na língua inglesa ((3) b.), torna-se importante compreender a análise dos domínios da topicalidade, impessoalidade e detransitividade. Quanto à topicalidade, demonstra-se que o paciente, o qual ocupa posição de objeto na voz ativa, adquire maior topicalidade na voz passiva, inclusive, sendo mais utilizado com a intenção do interlocutor de garantir destaque à informação nova para o final da sentença (SWAN, 2005, p. 388).

Nota-se ainda que o grau de topicalidade do agente diminui na voz passiva da língua inglesa, sendo este geralmente acompanhado pela preposição ‘*by*’, que, segundo Swan (2005, p. 387) apenas é mencionado em 20 (vinte) por cento das orações na passiva, pois o interlocutor prefere a supressão à manutenção do agente. Quanto à impessoalidade, é possível

observar que, pela escolha da supressão do agente na voz passiva, ocorre um maior grau de (des)individualização, muito comum em textos acadêmicos e científicos (SWAN, 2005, p. 387).

Entretanto, nota-se que o domínio da impessoalidade na língua inglesa não se expressa por meio de recursos morfossintáticos como expressos na Voz Passiva Sintética da língua portuguesa. Na realidade, como afirmado por Shibatani (2009, p. 97), a língua inglesa apresenta-se como uma das línguas mais restritivas e, desse modo, não apresenta estrutura morfossintática que permita a formação de passivas iminentemente impessoais como ocorrida na Voz Passiva Sintética da língua portuguesa.

Quanto ao domínio da detransitividade, quando comparado o grau de transitividade da voz ativa ((3) a.) com o da voz passiva da língua inglesa ((3) b.), percebe-se uma diminuição da proeminência ativa do verbo. Demonstra-se que a inserção do auxiliar na voz passiva torna o verbo menos transitivo na construção da sentença, como demonstrada na Voz Passiva Analítica da língua portuguesa. Ressalta-se ainda que a voz passiva na língua inglesa não é utilizada com verbos conhecidos como intransitivos, como ‘*die*’ (morrer) ou ‘*arrive*’ (chegar), bem como com verbos transitivos considerados estativos, os quais se referem ao estado de contextualização da oração, tais como: “*fit* “caber/servir”, *lack* “carecer”, *resemble* “parecer”” (SWAN, 2005, p. 386).

Desse modo, a voz passiva da língua inglesa geralmente apresenta-se diante dos seguintes contextos de comunicação: a) quando o agente é desconhecido ou não é importante, podendo o interlocutor realizar a sua supressão; b) para garantir que a mensagem tenha como foco na ação mais do que no agente; c) em textos acadêmico e científico, devido sua maior objetividade e sua semântica, apresentam-se de modo mais impessoal (ALVIN, 2014).

A análise dos domínios da topicalidade, impessoalidade e detransitividade diante de recursos morfossintáticos da derivação em voz passiva nas línguas portuguesa e inglesa serve para compreender seu uso comunicativo e a característica pragmática de cada domínio. Nesse sentido, a formação da voz passiva nas línguas portuguesa e inglesa fornece informações relevantes sobre a preferência do interlocutor por uma voz verbal marcada (passiva) em detrimento de uma voz não marcada (ativa).

Diante dessa inicial conclusão, indica-se a necessidade de maiores estudos e percepção dos domínios citados na formação da derivação em passiva da língua japonesa. Afinal,

embora existam diversas literaturas sobre a descrição da língua japonesa⁵, bem como estudos específicos⁶ sobre a voz passiva na língua citada, ainda necessita-se seguir uma perspectiva atinente à compreensão dos domínios da topicalidade, impessoalidade e detransitividade diante das variações da derivação determinadas por seus recursos morfossintáticos.

1.3 A introdução da análise dos recursos morfossintáticos da marca de passividade da língua japonesa como ponto de partida para a compreensão dos domínios da topicalidade, impessoalidade e detransitividade

A voz passiva da língua japonesa, conhecida como *ukemi-bun* (受け身文), provoca uma mudança morfológica no verbo com o acréscimo do sufixo *-(r)are-* (IWASAKI, 2013, p. 153). Indica-se também que os predicados considerados estativos, ou seja, que carregam traços dessa classe, como: a) não indicar uma ação; b) ter sujeito mais experienciador do que agente (chamado de predicado não-agentivo por não ter controle do estado das coisas referido no predicado), segundo Basso e Ilari (2004, p. 16), não fazem parte da construção da voz passiva.

Desse modo, na construção da voz passiva na língua japonesa os predicados compatíveis são aqueles referentes aos não-estativos, Conforme Iwasaki (2013, p. 153), não caberia o uso dos verbos na construção de predicados, o uso dos verbos como “*aru* “existir”, *dekiru* “conseguir”, *wakaru* “entender”, *niru* “parecer”, *iru* “necessitar””. A voz passiva na língua japonesa, ainda de acordo com Iwasaki (2013, p. 153)⁷, identifica-se de duas formas gerais, quais sejam: a) Passivas Eventivas (PEVENT) - subdividindo-se em: i) Voz Passiva Direita (VPD); e ii) Voz Passiva Indireta (VPI) -; e b) Passivas Estativas (PESTAT).

As Passivas Eventivas expressam-se pela descrição de eventos, enquanto que as Passivas Estativas descrevem situações tidas como mais estáticas (IWASAKI, 2013, p.153). Tendo em vista a finalidade de compreender inicialmente as Passivas Eventivas, torna-se

⁵ Para maior aprofundamento em aspectos descritivos da língua japonesa, citam-se as seguintes leituras: KAISER, Stefan; ICHIKAWA, Yasuko; KOBAYASHI, NORIKO; YAMAMOTO, Hirofumi. *Japanese – A comprehensive Grammar*. 2nd Edition. London and New York: Routledge, 2013; HINDS, John. *Japanese*. London and New York: Routledge, 1986; SHIBATANI, Masayoshi. *The languages of Japan*. England: Cambridge University Press, 1990.

⁶ Conforme bibliografia que será utilizada neste trabalho monográfico, seguem algumas principais referências: ISHIZUKA (2010), IWASAKI (2013), Shibatani (1985, 2009).

⁷ Embora não haja um consenso no termo preciso de quantidade de tipos de voz passiva, inclusive, geralmente, associada apenas as formas de Voz Passiva Direta e Indireta, neste trabalho monográfico será utilizado como referência à obra de Iwasaki (IWASAKI, Shoichi. *Japanese*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2013) por melhor descrever e diagnosticar os tipos de voz passiva da língua japonesa.

necessário analisar suas subdivisões, Voz Passiva Direta e Indireta. A Voz Passiva Direta ((4) b. e (5) b.) constrói-se da seguinte forma em oposição à voz ativa ((4) a. e (5) a.)⁸:

(4) a. *Neko ga sakana o tabeta..* (Voz Ativa)

AG – *ga* - PAC – *o* - V

‘O gato comeu o peixe’.

b. *Sakana ga neko ni tabe-rare-ta.* (Voz Passiva Direta)

PAC – *ga* - AG- *ni* - VPD (radical-passiva-passado)

‘O peixe foi comido pelo gato’.

(5) a. *Keisatsu ga Ken o tsukumaeta..* (Voz Ativa)

AG – *ga* - PAC – *o* - V

‘A polícia capturou Ken’.

b. *Ken ga (keisatsu ni) tsukumae-rare-ta.* (Voz Passiva Direta)

PAC – *ga* – (AG- *ni*) - VPD (radical-passiva-passado)

‘Ken foi capturado (pela polícia).’

A Voz Passiva Direta (VPD) traz a marcação morfológica do próprio verbo para a derivação em passiva, sendo, o morfema *-(r)are-* visto como o conversor da voz ativa em passiva. O paciente (PAC), sujeito da passiva, possui a marca nominativa - *ga*, podendo também apresentar-se por meio da partícula marcadora de tópico - *wa*, que na voz ativa tinha a marca acusativa - *o*, por apresentar-se como objeto. Enquanto isso, o agente (AG), na voz passiva, possui a partícula de marcação - *ni*, que pode ainda se apresentar por *kara*.

Iwasaki (2013, p.155) destaca que a derivação da voz ativa em passiva depende da perspectiva do interlocutor quanto à mensagem que será transmitida. Em relação à Voz Passiva Direta, quanto ao evento que será descrito. Nesse sentido, analisando os 3 (três) domínios de função de Givón (1981 apud CAMACHO, 2000, p. 216), na Voz Passiva Direta, quanto à topicalidade, percebe-se que o paciente é mais tópico que o agente, sendo aquele promovido de forma explícita. Assim, ilustra-se que o ponto de vista do evento descrito está

⁸ Ambos os exemplos foram extraídos das seguintes obras: Ishizuka (2010, p. 4) e Iwasaki (2013, p. 154).

relacionado à visão do paciente, não ao ponto de vista do agente, como no caso não marcado pela voz ativa.

A adoção do ponto de vista do paciente, conferindo-lhe maior topicalidade, permite inclusive que o paciente seja humano/animado e o agente não humano/inanimado, embora a regra apresente-se de forma oposta (IWASAKI, 2013, p.155-156). Dessa forma, os pares de exemplos citados ((4) b. e (5) b.) seguem o protótipo da voz passiva, o qual a topicalidade é conferida mais ao paciente (tido como argumento único referencial de sujeito) do que ao agente (da passiva), conforme fundamentação descrita por Dixon (2012, p. 206).

Quanto ao domínio da impessoalidade, o interlocutor pode optar pela manutenção ou pela supressão do agente na Voz Passiva Direta, ou seja, possuindo uma característica não obrigatória da impessoalidade, que dependerá da intenção do interlocutor, demonstrando-se o aspecto pragmático da voz. Assim, no primeiro par de exemplos, na voz passiva, ((4) b.), percebe-se a preferência do interlocutor pela manutenção do agente, demonstrando um grau maior de pessoalidade, individualização do evento, embora ainda periférica. Por outro lado, o segundo par de exemplos, na voz passiva, ((5) b.), em que o interlocutor opta pela supressão do agente, demonstra maior grau de impessoalidade, maior periferia do agente.

Em relação ao domínio da detransitividade, em comparação ao grau de transitividade da voz ativa ((4) a. e (5) a.), a Voz Passiva Direta ((4) b. e (5) b.), diante do acréscimo do sufixo, morfema marcador da passividade, torna o verbo menos transitivo na construção da sentença, tendo aspecto mais descritivo.

Ainda em relação às Passivas Eventivas, quanto à Voz Passiva Indireta⁹ ((6) b.), apresenta-se do seguinte modo, em oposição à voz ativa ((6) a.):

(6) a. *Neko ga sakana o tabeta.* (Voz Ativa)

AG – *ga* - PAC – *o* - V

‘O gato comeu o peixe’.

b. *Yamada-san wa neko ni sakana o tabe-rare-ta.* (Voz Passiva Indireta)

ARG.Extra – *wa* - AG- *ni* – PAC – *o* - VPI (radical-passiva-passado)

‘Senhor Yamada foi adversamente afetado pelo gato ter comido o peixe’.

⁹ Ambos os exemplos foram extraídos das seguintes obras: Ishizuka (2010, p. 4) e Iwasaki (2013, p. 158-159).

(7) *Naomi wa hahaoya ni shinareta.* (Voz Passiva Indireta – verbo intransitivo)

AG – *wa* - PAC – *ni* - VPI

‘Naomi foi morta por (sua) mãe’.

A Voz Passiva Indireta demonstra que o sujeito não tem um envolvimento direto no evento, mas é indiretamente afetado (IWASAKI, 2013, p.158 e SHIBATANI, 1985). Nesse sentido, o acréscimo do sufixo *-(r)are-* para a formação da Voz Passiva Indireta aumenta a valência verbal, ou seja, o conjunto de argumentos determinados pelo predador, como o acréscimo do argumento extra (ARG.Extra), o qual não se apresenta na Voz Passiva Direta. Destaca-se ainda que o paciente mantém a mesma marca acusativa da voz ativa, com ‘*o*’, chamado de objeto retido (IWASAKI, 2013, p.159).

Dessa forma, o argumento extra da frase, conforme exemplo ((6) b.), é *Yamada-san*, o qual se torna pragmaticamente relevante, pois é ele quem é afetado indiretamente pelo evento descrito, por meio de impacto adverso vivenciado. Assim, a construção da Voz Passiva Indireta insere contexto comunicativo ao argumento externo, tendo um significado especial quanto ao efeito psicológico do argumento (IWASAKI, 2013, p.159). Ademais, indica-se que a construção da VPI pode ser apresentada pela inserção de verbo intransitivo¹⁰ (exemplo (7)), o que não é possível na Voz Passiva Direta, havendo, assim, a supressão do objeto diante da intransitividade verbal.

Diante do exposto, torna-se necessária a análise dos domínios da derivação em passiva. É possível ilustrar, conforme exemplo citado ((6) b.), que a topicalidade não é conferida ao paciente, como traço característico da derivação em passiva (Givón, 1994, p. 8). A Voz Passiva Indireta é estruturada a partir da inserção do argumento extra, informação nova, tornando-se o argumento central da oração, recaindo a topicalidade, portanto, sobre esse argumento e não no paciente, conforme protótipo da voz passiva.

Em relação ao domínio da impessoalidade, embora a voz passiva tenha sua construção com a supressão da identidade do agente, geralmente o sujeito da sentença ativa, (CAMACHO, 2000, p.216) ou mesmo a manutenção com uma função mais periférica, fica ao arbítrio do interlocutor. A inclusão do argumento extra descaracteriza a impessoalidade, nesse sentido, há uma individualização da oração não devido ao agente, mas ao argumento extra, o qual determina quem está sendo indiretamente afetado.

¹⁰ Para uma maior compreensão sobre a possibilidade de construção da voz passiva por meio de verbo intransitivo, sugere-se a leitura: ISHIZUKA, Tomoko. *Towards a Unified Analysis of Passives in Japanese: A Cartographic Minimalist Approach*. (Dissertation) Los Angeles: University, 2010. Disponível em: <<http://ling.auf.net/lingbuzz/001036>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

Quanto ao domínio da detransitividade, ou seja, se é semanticamente menos ativa, ou seja, menos transitiva, não se apresenta na Voz Passiva Indireta. É possível notar, conforme exemplo ((6) b.), que o verbo possui transitividade, tanto que existe a marca de acusativo ao paciente, por meio do ‘o’, posicionado no que se conheceria por Rema, sendo assim, o paciente carrega ainda características de objeto, com grau menor de topicalidade. Dessa forma, a mediação da marca de acusativo ‘o’, como utilizado na voz ativa, determina a manutenção da transitividade verbal.

Destaca-se ainda, quanto à possibilidade da construção da Voz Passiva Indireta por meio de verbo intransitivo¹¹, conforme exemplo (7), que o traço ativo-transitivo da voz ativa permanece, afinal o verbo intransitivo é caracterizado por ter sentido completo, sem a exigência de complemento para integrar o seu sentido. Todavia, indica-se, conforme demonstrado por Ishizuka (2010, p. 103), que a formação da voz passiva por alguns predicados intransitivos seria na realidade a apresentação de pseudo-passivas por não se assemelharem ao protótipo da voz passiva e o movimento de topicalização do paciente. De todo modo, ambas as construções da VPI, com a inclusão do argumento extra ou com o uso de verbo intransitivo, não possuem as mesmas características quanto ao domínio da detransitividade, conforme o aspecto pragmático.

Outra forma de construção da voz passiva na língua japonesa, conforme destacado, são as Passivas Estativas (PESTAT), as quais descrevem situações consideradas mais estáticas. Essa voz passiva também é construída perante o acréscimo do sufixo *-(r)are-* que atua como estativizador (IWASAKI, 2013, p.162), juntamente com o sufixo *-te-iru*. Portanto, a Passiva Estativa ((8) b.) apresenta-se do seguinte modo¹², em oposição à voz ativa ((8) a.):

(8) a. *wakamono ga kono hon o yoku yonde-iru*. (Voz Ativa)

AG – *ga* - PAC – *o* - V

‘Muitos jovens leem este livro’.

¹¹ Destaca-se, conforme Fiéis, que nas gramáticas latinas, teríamos que os verbos transitivos como característica a capacidade de passivizar, enquanto que os verbos intransitivos não teriam essa característica. Desse modo, reforçar-se-ia a compreensão de que a construção da passiva com verbo intransitivo seria, na realidade, a formação de uma pseudo-passiva. (FIÉIS, Maria Alexandra. Sobre o conceito de transitividade. Saberes no Tempo – Homenagem a Maria Henriqueta Costa Campos. Lisboa: Colibri, 285–298, 2002, p. 290. Disponível em: <http://www.clunl.edu.pt/resources/docs/Grupos/Linguistica_comparada/Equipa/alexandrafieis/transitividade.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2017.

¹² Exemplo extraído da seguinte obra: Iwasaki (2013, p. 162).

b. *kono hon wa wakamono ni yoku yom-arete-iru.* (Voz Passiva Estativa)

PAC – *wa* - AG- *ni* – ADV - PESTAT (radical-passiva-passado)

‘O livro é lido por muitos jovens’.

A Passiva Estativa, desse modo, utiliza o verbo auxiliar *-iru*, o qual expressa a forma progressiva, juntamente com a forma *-te*, a qual expressa uma ação que pode continuar ou ser repetida (MAKINO; TSUTSUI, 1989, p. 155-156). Nesse sentido, a junção de ambos representa um estado duradouro, expressando a ideia de que algo aconteceu e mantém o seu estado referente à situação vivenciada (MAKINO; TSUTSUI, 1989, p. 156).

Em oposição às Passivas Eventivas, as Passivas Estativas descrevem situações que variam dentro de um período de tempo, assim, descrevendo um atributo do sujeito (IWASAKI, 2013, p.163). O sujeito, semanticamente, não seria afetado pelo evento, mas, simplesmente utilizado como alvo da descrição da situação.

A partir dessas compreensões preliminares, torna-se importante analisar os domínios da derivação em passiva. Quanto à topicalidade, nota-se, conforme exemplo ((8) b.), que o paciente adquire maior topicalidade em detrimento do agente (Givón, 1994, p. 8), opondo-se, portanto, a topicalidade caracterizada pela voz ativa ((8) a.). Dessa forma, o paciente, por adquirir maior topicalidade, é promovido a sujeito/tópico, tornando-se um paciente não volitivo e não controlado (GIVÓN, 2001, p. 93), em que a passiva tem o intuito de trazer características de estativização à sentença.

Em relação ao domínio da impessoalidade, quanto ao protótipo da voz passiva percebe-se a supressão da identidade do agente (CAMACHO, 2000, p.216) ou mesmo sua manutenção, mas, com a atribuição de uma função mais periférica. Todavia, conforme exemplo citado ((8) b.) e a caracterização da Voz Passiva Estativa, a supressão do agente é mais dificultada, pois este é o atributo que descreve o paciente para a formação da passiva, assim, demonstra-se uma maior pessoalidade e individualização pela necessidade do argumento agentivo.

A marca da Passiva Estativa por meio do sufixo *-(r)areteiru*, demonstra a carga aspectual, ou seja, de estativizar o evento. Indica-se que não se encontrou na literatura linguística de compreensão e descrição da língua japonesa maiores informações entre o sufixo *-teiru* e sua detransitividade, assim, não sendo possível, portanto, a análise quanto ao domínio da detransitividade por meio do sufixo *-(r)areteiru* enquanto marca de derivação em passiva nas Passivas Estativas da língua japonesa. Todavia, torna-se possível destacar que a estrutura

sentencial da PESTAT, como um todo, já demonstra a descrição de um evento mais estativo, menos ativo, pois a sua característica é expressar a continuidade de uma ação ou estado.

2. OS PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

O objeto de pesquisa do presente trabalho monográfico, sob a análise do aspecto pragmático da voz passiva na língua japonesa, baseia-se nos processos linguísticos da língua. Desse modo, torna-se necessário traçar uma metodologia fundamentada para a possibilidade de realização da coleta e descrição dos dados, tendo como tarefa principal a explicação dos processos que envolvem a linguagem.

Nesse sentido, com o objetivo de compreender os domínios da topicalidade, impessoalidade e detransitividade nas variações da voz passiva da língua japonesa, a primeira parte deste capítulo irá trazer a discussão dos pressupostos metodológicos do objeto de pesquisa. Assim, por meio da abordagem funcional tipológica, seguindo o aspecto pragmático, orienta-se a coleta e análise de dados pelo método indutivo, definindo-se o material para tal processo.

Na segunda parte deste capítulo, por sua vez, traz-se a discussão dos pressupostos metodológicos para análise de dados. Dessa forma, busca-se determinar a amostra de dados, descrevendo-se as noções gerais sobre os dados coletados e o seu quantitativo. Por fim, este capítulo tem como prerrogativa apresentar um importante passo da pesquisa de comprovação dos dados para a fundamentação de sua análise.

2.1 Os pressupostos metodológicos do objeto de pesquisa

O sistema de voz verbal é uma importante categoria de estudo para a compreensão de mudanças morfológicas e sintáticas atinentes à relação entre o sujeito e o verbo (SHIBATANI, 2009, p. 93). Segundo Ishizuka (2010, p.1), a voz passiva, objeto de pesquisa deste trabalho monográfico, é a voz que mais apresenta diferenciações nas línguas do mundo, tornando-se, assim, um importante campo de pesquisa.

A voz passiva da língua japonesa tem sido alvo de diversos estudos para a busca pela sua caracterização universal e a definição do seu determinante sintático de variação entre os tipos de voz passiva (ISHIZUKA, 2010, p.3). Assim, a partir da marcação morfológica do

morfema da passiva *-(r)are-*, na língua japonesa, é possível analisar os diferentes aspectos apresentados pelos tipos de passiva.

A abordagem da linguística, nesse sentido, conforme demonstra a literatura (DIXON, 2010, p. 1), verifica-se como ciência natural, bem como a geologia, biologia, física, dentre outras, pois a área da linguística busca compreender os processos ou fenômenos existentes, conferir dados, explicar eventos, não sendo, assim, apenas um sistema teórico de ideias. Desse modo, exige-se que o trabalho na área da linguística tenha uma metodologia nítida e robusta, dados para descrição e análise de forma fundamentada em que a tarefa principal é explicar os processos que envolvem a linguagem.

O presente trabalho monográfico terá como base a abordagem funcional tipológica, ou seja, na compreensão da língua como um sistema de produção de significados, em que se busca analisar o conjunto de situações comunicativas atinentes à voz passiva na língua japonesa. Assim, será dada relevância ao aspecto pragmático da voz, por sua vez, baseado também pela dedução a partir de um contexto extralinguístico, na compreensão da intenção do interlocutor, em que a pesquisa será concentrada no contexto de uso comunicativo da voz passiva da língua japonesa diante das transformações morfossintáticas.

Portanto, a forma de análise do objeto de pesquisa, tendo em vista os resultados esperados, perpassará a natureza do método indutivo, a partir da coleta e análise de sentenças com uso da voz passiva da língua japonesa para a compreensão dos 3 (três) domínios de Givón (1981 apud CAMACHO, 2000, p. 216) quanto à topicalidade, impessoalidade e detransitividade. Desse modo, considerar-se-ão casos particulares para a compreensão e conclusões de uma verdade geral, em que as premissas proporcionarão fundamentações para a conclusão, assim, para confirmação ou negação das hipóteses firmadas no presente trabalho.

Indica-se ainda que o método indutivo seja o eleito pelos linguistas funcionais para suprir os aspectos atinentes à pesquisa, promovendo parâmetros sugestivos para conclusões que são ao mesmo tempo maleáveis (DIXON, 2010, p. 184). Nesse sentido, conjugando-se com o próprio recurso metodológico adotado por Dixon (2010, p. 183-184) para a Teoria da Linguística Básica, que visa à descrição de termos da língua para o seu refinamento e extensão dos estudos apoiados por uma argumentação convincente.

O material escolhido para coleta e análise dos dados referentes às sentenças que contém a formação da voz passiva na língua japonesa é a série *Worth Sharing - A Selection of Japanese Books Recommended for Translation*, lançados em 2012. A série conta com apoio da Fundação Japão para o desenvolvimento do “Programa de suporte para Tradução e

Publicação no Japão”, tendo um total de 5 (cinco) volumes. O intuito dessa série é trazer títulos não familiares aos leitores estrangeiros, mas que deveriam ser compartilhados como obras exemplares do Japão, desse modo, buscando uma interação da cultura e modo de vida japonês com o resto do mundo.

Explica-se que o material foi escolhido por quatro razões principais: a) ser um material público, online e com confiabilidade em sua produção, uma vez que há o suporte da Fundação Japão; b) utilizar texto do gênero informacional acadêmico, com temáticas contemporâneas, o qual costuma indicar uma maior utilização da voz passiva, alvo da análise do presente trabalho; c) por ser um material de fácil acesso para pesquisa e para possíveis interessados nas temáticas que buscam gerar uma melhor compreensão e reflexão sobre o Japão Contemporâneo ou mesmo leitores interessados em conhecer os dados da pesquisa; e d) pela coleta de dados poder ser feita por buscador automático, o que auxiliará em uma melhor coleta, sem que se deixem informações necessárias de fora da pesquisa.

Nessa perspectiva, entre a série *Worth Sharing - A Selection of Japanese Books Recommended for Translation* de 5 (cinco) volumes, foi escolhido o volume 2 - “Explorando as diversas regiões do Japão”¹³. Esse volume introduz, por meio de diversos autores, 18 (dezoito) obras de ficção contemporânea e 2 (duas) obras de não ficção com o objetivo de descrever as várias paisagens no Japão relacionadas ao tema regiões e localidades (OZAKI et al, 2012, p. 1).

Destaca-se que a escolha do volume 2 como objeto de análise para coleta de dados e análise baseou-se em uma primeira busca por possibilidades de marcação da voz passiva nos 5 (cinco) volumes da série. Assim, tendo como base o escopo desta pesquisa monográfica, o volume 2, “Explorando as diversas regiões do Japão”, apresentou o maior número de possibilidades de investigação da voz passiva em detrimento dos demais volumes.

Tem-se, portanto, como enfoque de estudo, do presente trabalho monográfico, a construção da voz passiva na língua japonesa, com a premissa de partida pela construção da mesma voz nas línguas portuguesa e inglesa, não do aspecto comparativo puro, mas, para o diagnóstico e a compreensão dos domínios da voz passiva. Utilizar-se-á o tipo de pesquisa instrumental, com enfoque na análise da interseção entre morfologia (composição dos dados) e sintaxe (organização e inter-relação dos elementos gramaticais) diante dos aspectos

¹³ Tradução livre de: “Exploring Japan’s diverse regions”, volume 2 da série: *Worth Sharing - A Selection of Japanese Books Recommended for Translation*. Disponível em: <http://www.jpf.go.jp/j/project/culture/publication/supportlist_publish/worth_sharing/pdf/vol_2/worth_sharing.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2017.

pragmáticos da voz passiva, referentes aos domínios da topicalidade, impessoalidade e detransitividade.

2.2 Os pressupostos metodológicos para análise de dados

Com o objetivo de realizar a coleta e análise de dados, foi escolhido o volume 2 - “Explorando as diversas regiões do Japão”, da série de 5 (cinco) volumes da *Worth Sharing - A Selection of Japanese Books Recommended for Translation*, que neste trabalho será referenciado como: *Worth Sharing* – v.2. Destaca-se, conforme já mencionado, que esse volume apresenta 18 (dezoito) obras de ficção contemporânea e 2 (duas) obras de não ficção, por diversos autores, para que os estrangeiros tenham contato com as várias paisagens do Japão relacionadas às regiões e localidades.

Nesse sentido, a primeira etapa para a coleta de dados foi feita por meio do buscador automático, procurando-se potenciais marcações da voz passiva por meio das terminações: a) *-reru*, unidade marcadora da Passiva Eventiva (PEVENT:NP) na forma não passado, e *-reta*, unidade marcadora da Passiva Eventiva (PEVENT:PASS) na forma passado; além de, b) *-teiru*, unidade marcadora da Passiva Estativa (PESTAT:TE-NP).

A partir disso, obteve-se a aparição de 89 (oitenta e nove) prováveis dados de marcação da Passiva Eventiva, sendo 33 (trinta e três) dados com a unidade marcadora *-reru* (não passado) e 54 (cinquenta e quatro) com a unidade marcadora *-reta*. Todavia, desse total de aparições, em uma primeira triagem, percebeu-se que apenas 73 (setenta e três) - total de 28 com a unidade marcadora *-reta* e 45 para a marcação em *-reru* - dados poderiam pertencer à análise, pois os demais eram casos de substantivação, marcação de adjetivos ou mesmo atinentes ao radical do verbo.

Quanto à aparição de prováveis dados referentes à marcação da Passiva Estativa, foi possível, em uma primeira triagem, notar uma amostra de 14 (quatorze) dados para análise. Com isso, tendo em vista a primeira coleta de dados, decidiu-se, para este trabalho monográfico, reduzir o escopo da amostra para que, em um primeiro momento de pesquisa, o foco seja na compreensão da fundamentação teórica justificada, referente à existência (ou não) de parâmetros para a determinação das variações possíveis nos domínios da topicalidade, impessoalidade e detransitividade na construção da voz passiva na língua japonesa.

O presente trabalho, portanto, será desenvolvido com uma amostra de 12 (doze) marcações morfológicas de voz passiva na língua japonesa que servem como demonstração e

fundamentação para os demais casos. Assim, tendo em vista os recursos morfossintáticos da derivação em passiva na língua japonesa, será feita a análise de dados para a compreensão dos domínios da topicalidade, impessoalidade e detransitividade.

3. A ANÁLISE DE DADOS REFERENTE AOS RECURSOS MORFOSSINTÁTICOS DA MARCA DE PASSIVIDADE DA LÍNGUA JAPONESA

Diante dos recursos morfossintáticos da marca de passividade nos diferentes tipos de voz passiva da língua japonesa, estudados nesta pesquisa monográfica, como Passivas Eventivas (Voz Passiva Direta e Indireta) e Passivas Estativas, busca-se compreender o comportamento, a distinção e a funcionalidade (comportando limitações) da voz passiva da língua citada. Indica-se ainda que a voz passiva seja apenas uma pequena parcela do domínio funcional da multidimensionalidade de uma língua (GIVÓN, 2001, p. 91).

Desse modo, por meio do campo de estudo da pragmática, sob a análise dos recursos morfossintáticos, sobretudo, morfológicos, do comportamento da voz passiva na língua japonesa, este capítulo terá como objetivo central a compreensão dessa voz de acordo com 3 (três) domínios de função propostos por Givón (1981 apud CAMACHO, 2000, p. 216). Assim, o intuito é compreender o contexto extralinguístico e intencional do falante no uso comunicativo para a predileção da estrutura marcada pela voz passiva em detrimento de uma estrutura não marcada e natural, como proposta pela voz ativa.

A primeira parte deste capítulo, dessa forma, visa analisar a amostra de estruturas de enunciados com as marcações morfossintáticas atinentes às Passivas Eventivas na língua japonesa. Nessa perspectiva, compreender o comportamento (e distinções) dos domínios da topicalidade, impessoalidade e detransitividade, tanto na Voz Passiva Direta e quanto na Voz Passiva Indireta, por meio dos recursos utilizados.

Por sua vez, a segunda parte deste capítulo tem o intuito de analisar as estruturas de enunciado com as marcações morfossintáticas atinentes às Passivas Estativas na língua japonesa. De mesmo modo, com o contexto comunicativo de uso nas estruturas sentenciais, busca-se avaliar a aplicação e compreensão dos domínios de análise da voz passiva.

3.1 A análise de dados da Voz Passiva Eventiva da língua japonesa para a compreensão dos domínios da topicalidade, impessoalidade e detransitividade

A Voz Passiva Eventiva da língua japonesa subdivide-se em: Voz Passiva Direta (VPD) e Voz Passiva Indireta (VPI), expressando-se por meio da descrição de eventos conforme apresentado no Capítulo 1. A partir dessas compreensões, será feita a análise de enunciados da *Worth Sharing* – v.2 com o objetivo de identificar os parâmetros que determinam a construção da voz passiva na língua japonesa.

Quanto à Voz Passiva Direta (VPD), o morfema *-(r)are-* é visto como o conversor da voz ativa em passiva. Ademais, o paciente (PAC), sujeito da passiva, possui a marca nominativa - *ga*, ou a partícula marcadora de tópico - *wa*, enquanto isso, o agente (AG), na voz passiva, possui a partícula de marcação - *ni*, que pode ainda se apresentar por *kara*. Tendo esses pressupostos, seguem alguns enunciados referentes à Voz Passiva Direta, coletados no material indicado:

- (9) *Kotonaru shizenbundo to rekishi ni haguku-m-are-ta nihon no chihou *saiki no suguta ga kaigai no hito ni shoukai sare-ru kikai wa mada amari ooku arimasen*¹⁴.
AG 1 – *ni* – (PEVENT) VPD 1-PASS – PAC 1 - *ga* – AG 2- *ni* - (PEVENT) VPD 2-NP – PAC 2 – *wa* [...].

- (10) *Ikkyokushuuchuu wa tan ni sangyoukatsudou ni kagi-rare-ta mono dewa nai*¹⁵.
PAC – *wa* - *tan ni* – AG – *ni* – (PEVENT) VPD-PASS – *mono dewa nai*.

- (11) *“Furanshisu” wa chinbotsu no kiki ni mima-w-are-ru*¹⁶.
PAC – *wa* - AG – *ni* – (PEVENT) VPD-NP

- (12) *Butai wa Hokkaidou, hakodate to oboshiki umi ni kako-m-are-ta machi*¹⁷.
Butai wa Hokkaidou hakodate to oboshiki – AG – *ni* – (PEVENT) VPD-PASS – PAC

¹⁴ *Worth Sharing* – v.2: (OZAKI et al, 2012, p. 1)

¹⁵ *Worth Sharing* – v.2: (OZAKI et al, 2012, p. 3)

¹⁶ *Worth Sharing* – v.2: (OZAKI et al, 2012, p. 5)

¹⁷ *Worth Sharing* – v.2: (OZAKI et al, 2012, p. 7)

Ambos os exemplos citados de VPD – (9), (10), (11) e (12) – confirmam que a construção da voz passiva na língua japonesa faz parte de uma marcação morfológica, ou seja, uma transformação no próprio verbo pela introdução de *-(r)are-*, diferente do que ocorre nas línguas portuguesa e inglesa, em que a marcação de passiva é feita pela introdução de auxiliar e mudança no morfema terminal do verbo principal. Ademais, indica-se também que a marcação de passado, na língua japonesa, é inserida pelo morfema *-ta*, que se encontra na própria estrutura do verbo, novamente diverso do ocorrido nas línguas portuguesa e inglesa, em que o verbo principal não pode ser flexionado em modo e tempo, apenas o seu auxiliar.

Outro ponto em comum entre os exemplos citados é que ambos apresentam a construção da Passiva Eventiva, por meio da Voz Passiva Direta, com a manutenção do agente (AG), contendo a partícula de marcação *-ni*. Enquanto isso, o paciente (PAC) é marcado por meio da partícula tópico *-wa*, conforme exemplos (9) – PAC 2 -, (10) e (11), pela marca nominativa *-ga*, no exemplo (9) – PAC 1, e diante de uma estrutura adjetiva, segundo o exemplo (12).

Nesse sentido, é imprescindível a análise dos 3 (três) domínios de função de Givón (1981 apud CAMACHO, 2000, p. 216) quanto aos exemplos fornecidos referentes à Voz Passiva Direta. Assim, em relação à topicalidade, nota-se que o paciente é mais tópico que o agente, sendo promovido de forma explícita em todos os exemplos fornecidos, inclusive com destaque diferenciado na estrutura da oração adjetiva, embora sem marcação de partícula. Torna-se possível ilustrar, dessa forma, que todos os eventos descritos nos exemplos (9), (10), (11) e (12) estão relacionados à visão do paciente.

Em relação ao domínio da impessoalidade, conforme visto no Capítulo 1, o agente pode ser mantido ou suprimido, mas, em caso de manutenção adquirirá função mais periférica, menos tópica em relação ao paciente. Nota-se que, em todos os exemplos descritos, o interlocutor (no caso, os escritores) optou (optaram) pela manutenção do agente, demonstrando, portanto, a preferência de um recurso linguístico com menor grau de impessoalidade, por uma tentativa de maior individualização do evento, apresentando a intenção do interlocutor pela necessidade da informação trazida pelo agente.

Por fim, quanto ao domínio da detransitividade, ambos os exemplos seguem o protótipo de construção da voz passiva em que é conferido, diante do acréscimo do morfema marcador da passividade, aspecto menos transitivo. Assim, apresenta-se a desconstrução da sua transitividade a fim de adquirir característica mais estativa.

Nessa perspectiva, seguem outros dados que se referem ainda às Passivas Eventivas, particularmente à Voz Passiva Direta, conforme as seguintes construções sentenciais:

- (13) *Mata, sakuhin ga kak-are-ta [...]*¹⁸.

Mata – PAC – *ga* – (PEVENT) VPD-PASS

- (14) *[...]1980 nendai ni kankou sare-ta sakuhin wa[...]*¹⁹.

1980 nendai ni – *kankou* (PEVENT) VPD-PASS – PAC – *wa*

Os exemplos demonstrados acima, (13) e (14), seguem os mesmos parâmetros de análise dos domínios da topicalidade e detransitividade, porém, diferem-se quanto à funcionalidade pragmática citada no domínio da impessoalidade. Ambos os enunciados, dos exemplos (13) e (14), apresentam a opção pelo recurso linguístico de supressão do agente, demonstrando que a informação contida nesse argumento não seria importante ou não deveria ser conhecida para a construção do enunciado.

Dessa forma, a preferência do interlocutor pela supressão do agente, a qual não é uma característica obrigatória, (des)individualiza a oração, garantindo-a, portanto, maior grau de impessoalidade. Nesse aspecto, distinguindo-se dos enunciados analisados anteriormente em que o interlocutor optou pela manutenção do agente.

Ainda em relação às Passivas Eventivas, mas, quanto à Voz Passiva Indireta (VPI), apresenta-se uma mostra de enunciados contidos no material analisado:

- (15) *Tankou o kaiko sare-ta seinen*²⁰.

PAC – *o* – *kaiko* (PEVENT) VPI-PASS - ARG.Extra

‘O jovem foi afetado negativamente ‘pela demissão (ter sido demitido)’ da mina de carvão’.

- (16) *Kare wa daiichikai kirikiri bungaku taishou o sazu-ke-rare-ta [...]*²¹.

ARG.Extra – *wa* – PAC – *o* – *sazuke* (PEVENT) VPI-PASS

‘Ele foi premiado (foi afetado pela concessão do prêmio) com o Primeiro Prêmio Kirikiri de Literatura’.

¹⁸ *Worth Sharing* – v.2: (OZAKI et al, 2012, p. 3)

¹⁹ *Worth Sharing* – v.2: (OZAKI et al, 2012, p. 3)

²⁰ *Worth Sharing* – v.2: (OZAKI et al, 2012, p. 7)

²¹ *Worth Sharing* – v.2: (OZAKI et al, 2012, p. 11)

Ambos os exemplos citados de VPI – (15) e (16) – confirmam que a construção da voz passiva indireta pela introdução do sufixo *-(r)are-* aumenta a valência verbal com a inserção do argumento extra (ARG.Extra), o qual não se apresenta na Voz Passiva Direta. Dessa forma, indica-se que o paciente (PAC) é marcado por ‘*o*’, chamado de objeto retido (IWASAKI, 2013, p.159) e o agente, em ambos enunciados, é suprimido.

A Voz Passiva Indireta, de acordo com o exposto, demonstra que o sujeito tópico, no caso o argumento extra, não tem envolvimento direto no evento, mas, é indiretamente afetado pela descrição do evento. Diante disso, torna-se necessária a análise dos domínios funcionais a fim de que sejam percebidos (e confirmados) os parâmetros para a determinação desta variação da voz passiva da língua japonesa.

Quanto à topicalidade, percebe-se que a voz passiva indireta não se conforma ao protótipo da voz passiva, pois, ao invés de adquirir topicalidade central ao paciente, tem-se como traço característico dessa variante das Passivas Eventivas, o maior grau de topicalidade ao argumento extra. Desse modo, a inserção do argumento, seja por meio da marcação da partícula tópico *-wa*, como no exemplo (16), ou por meio da construção da oração adjetiva, exemplo (15), garante ao argumento extra à topicalidade ora conferida ao paciente.

Em relação ao domínio da impessoalidade, embora ocorra à supressão do agente, em ambos os exemplos citados, a inclusão do argumento extra descaracteriza a impessoalidade. Nessa perspectiva, há uma individualização da oração não devido ao recurso do agente, que inclusive teve sua supressão em ambos enunciados, mas ao argumento extra, o qual determina quem está sendo indiretamente afetado.

Por fim, quanto ao domínio da detransitividade, seguindo o protótipo da derivação em passiva semanticamente menos ativa, ou seja, menos transitiva, não se torna aplicável à Voz Passiva Indireta. Isso ocorre, conforme se torna possível notar nos exemplos (15) e (16), pois o verbo possui transitividade, tanto que existe a marca de acusativo ao paciente, por meio do ‘*o*’, assim, o paciente carrega ainda características de objeto, conferindo-lhe menor topicalidade.

Nota-se ainda que a construção da Voz Passiva Indireta necessite de mais argumentos e variações nas marcações morfossintáticas para a sua construção, diferenciando-se, dessa forma, da construção da Voz Passiva Direta, embora ambas sejam caracterizadas enquanto Passivas Eventivas. Tal afirmação se fundamenta diante da própria amostra, que, embora em número reduzido, demonstrou um uso comunicativo menor da Voz Passiva Indireta, aparecendo em 2 (dois) enunciados, 25% dos dados apresentados, em relação às Passivas

Eventivas, em detrimento de 6 (seis) enunciados com construção da Voz Passiva Direta, total de 75% de aparição nesse tipo.

Diante dessas informações, tornou-se possível compreender e diagnosticar o comportamento e distinção das variações das Passivas Eventivas na língua japonesa, sendo necessário, assim, analisar a derivação pelas Passivas Estativas.

3.2 A análise de dados da Voz Passiva Estativa da língua japonesa para a compreensão dos domínios da topicalidade, impessoalidade e detransitividade

A Voz Passiva Estativa (PESTAT) da língua japonesa está ligada à descrição de situações que tendem a ser consideradas como mais estáticas, assim, representando um estado duradouro, expressando a ideia de que algo aconteceu e mantém o seu estado referente à situação vivenciada (MAKINO; TSUTSUI, 1989, p. 156).

Embora essa variação da derivação em passiva da língua japonesa também seja construída diante do acréscimo do sufixo *-(r)are-*, nesta passiva o morfema atua como estativizador (IWASAKI, 2013, p.162), juntamente com a marcação *-te-iru*. A partir dessas compreensões, será feita a análise dos enunciados que incluem essa construção com o objetivo de identificar seus parâmetros:

- (17) [...] *Jiki wa, hikakuteki hiroku settei sarete-iru*²².

PAC – *wa - hikakuteki hiroku – settei (PESTAT):TE-NP*

- (18) [...] *Kouzu wa chihou demo saiseisan sarete-iru*²³.

PAC – *wa - chihou demo – saiseisan (PESTAT):TE-NP*

- (19) [...] *Santen fukume-rarete-iru*²⁴.

PAC - *(PESTAT):TE-NP*

Os exemplos citados, (17), (18) e (19), confirmam a utilização do verbo auxiliar *-iru*, o qual expressa a forma progressiva, juntamente com a forma *-te*, a qual expressa uma ação que pode continuar ou ser repetida, definindo, dessa forma, a construção das Passivas Estativas.

²² *Worth Sharing* – v.2: (OZAKI et al, 2012, p. 3)

²³ *Worth Sharing* – v.2: (OZAKI et al, 2012, p. 3)

²⁴ *Worth Sharing* – v.2: (OZAKI et al, 2012, p. 3)

Nesse sentido, distingue-se das Passivas Eventivas também por colocar o paciente em uma posição semântica mais descritiva da situação, não realizando o movimento que o paciente adquire no protótipo da voz passiva de afetação pelo evento.

Tendo como base o exposto, ilustra-se a importância da compreensão dos domínios da função também quanto às Passivas Estativas. Em relação à topicalidade, nota-se, conforme exemplos (17), (18) e (19), que o paciente adquire maior topicalidade em detrimento do agente (Givón, 1994, p. 8). O paciente, desse modo, é promovido a sujeito/tópico, tornando-se um paciente não volitivo e não controlado (GIVÓN, 2001, p. 93), pois a função da Passiva Estativa é apenas trazer características em um estado contínuo.

Quanto ao domínio da impessoalidade, os exemplos citados optam pela supressão do agente, diverso inclusive da construção que se costuma apresentar para as Passivas Estativas, conforme aludido no Capítulo 1. Assim, por meio do recurso linguístico de supressão do agente, (des)individualiza-se a oração, garantindo-a maior grau de impessoalidade.

Por fim, em relação ao domínio da detransitividade, devido à marca da Passiva Estativa, por meio do uso de *-(r)areteiru*, demonstrar a carga aspectual, ou seja, de estativizar o evento, não se torna possível analisar tal domínio. Todavia, indica-se que, como uma das características deste tipo de passiva é a descrição de um evento mais estativo, menos ativo, devido o seu recurso de expressão de continuidade de uma ação ou estado, a estrutura sentencial, como um todo, mostra-se mais detransitiva, menos ativa.

Nesse sentido, devido à formação das Passivas Estativas indicarem um contexto de uso diferenciado, com elevado aspecto semântico, o qual não é foco desta presente pesquisa, demonstra-se em menor uso comunicativo. Afinal, diante do total apto de 87 (oitenta e sete) aparições de marcação da derivação em passiva, apenas 14 (quatorze) referem-se às construções de Passivas Estativas, ou seja, aproximadamente 16,1% dos enunciados apresentam esse tipo de passiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem da linguística constrói-se como uma ciência autônoma, afinal a área da linguística busca compreender os processos ou fenômenos existentes, conferir dados, explicar eventos. Desse modo, exigiu-se no presente trabalho monográfico o desenvolvimento de uma metodologia nítida, material para coleta de dados para descrição e análise de forma fundamentada, com a tarefa principal de explicar os processos que envolvem a linguagem atinente à derivação em passiva, especificamente na língua japonesa.

Portanto, buscou-se, por meio deste trabalho, conhecer e sistematizar a literatura existente referente à compreensão do estudo da voz verbal, em específico da voz passiva, para contribuir com a análise do uso justificado da voz passiva na língua japonesa. Dessa forma, inicialmente, partiu-se da compreensão dos recursos morfossintáticos das línguas portuguesa e inglesa, que possuem uma literatura mais consolidada sobre a relação e variações dos domínios da topicalidade, impessoalidade e detransitividade, para que, assim, pudesse ser feita uma maior investigação sobre a construção da voz passiva na língua japonesa.

Tendo como intuito a investigação da voz passiva, em específico a derivação em passiva da língua japonesa, percebe-se que a estrutura prototípica da voz passiva deve ser aderente à característica multidimensional da língua, demonstrando-se que existem adaptações e variações de acordo com o uso dos recursos morfossintáticos e comunicativos. Dessa forma, surge a importância da análise da voz passiva conforme os 3 (três) domínios de função, segundo Givón (1981 apud CAMACHO, 2000, p. 216), quais sejam: topicalidade, impessoalidade e detransitividade.

A voz passiva da língua japonesa, por sua vez, tem sido alvo de diversos estudos para a busca pela sua caracterização universal e a definição do seu determinante sintático de variação entre os tipos de voz passiva (ISHIZUKA, 2010, p.3). Assim, por meio da marcação morfológica do morfema indicador da voz passiva na língua japonesa, *-(r)are-*, torna-se possível analisar os diferentes aspectos apresentados pelas variações da derivação em passiva.

A partir das definições presentes na literatura descritiva da língua japonesa sobre a voz passiva, o presente trabalho utilizou alguns enunciados que mostram a transformação da voz ativa em passiva para que fosse possível: a) compreender os recursos morfossintáticos da derivação em passiva na língua; b) diferenciar os tipos de construção da voz passiva; e c) fornecer (ou não) parâmetros de análise para a determinação das variações possíveis nos domínios da topicalidade, impessoalidade e detransitividade.

Desse modo, a partir de casos particulares, enunciados na voz passiva, tornou-se possível gerar uma maior compreensão e conclusões de uma verdade geral, em que as premissas de análise, mesmo que em uma amostra mínima de enunciados e de dados coletados, proporcionaram fundamentações para a conclusão dos objetivos descritos anteriormente. Assim, respondendo ao problema do presente trabalho, em que a construção morfológica da voz passiva da língua japonesa fornece (afirmativamente) parâmetros de análise para a determinação das variações possíveis nos domínios da topicalidade, impessoalidade e detransitividade.

Diante do método indutivo, a partir da coleta e análise de sentenças por meio da definição de um material com textos do gênero informativo, tornou-se possível analisar os domínios da funcionalidade da derivação em passiva. Sendo possível, nesse sentido, não apenas compreender os recursos morfossintáticos que modelam as estruturas gramaticais da voz passiva da língua japonesa - Passivas Eventivas (Voz Passiva Direta e Indireta) e Passivas Estativas – mas, principalmente, que a eleição da forma marcada da voz passiva pode ser justificada diante dos domínios citados.

Dessa forma, demonstra-se uma relação de interdependência entre o entendimento dos domínios da topicalidade, impessoalidade e detransitividade, como também a construção das distintas formas de voz passiva na língua japonesa, diante da intencionalidade do interlocutor e do contexto comunicativo. Por fim, pode-se afirmar que existem sim parâmetros suficientes a fim de analisar o emprego dos recursos morfossintáticos para a construção de cada tipo de voz passiva, expressando a pragmática de cada domínio, bem como, a partir dos domínios de análise, justificar a existência de tais recursos linguísticos.

Por conseguinte, a partir da abordagem funcional tipológica, sob o aspecto pragmático, ou seja, um dos níveis de função na estrutura sentencial, buscou-se a compreensão não apenas da interação entre os interlocutores na preferência da voz verbal marcada, em específico a voz passiva, mas também com a finalidade principal da comunicação e intenção no emprego de determinadas estruturas sentenciais em detrimento de outras.

Espera-se que o presente trabalho monográfico seja um começo de pesquisa, no cenário brasileiro, sobre a análise do aspecto pragmático da voz passiva na língua japonesa. Assim, a fim de que seja possível coletar e confrontar um número maior de dados, por meio de enunciados frasais, dos tipos de voz passiva da língua, permitindo, desse modo, uma maior discussão sobre os domínios indicados por Givón (1981).

REFERÊNCIAS

- ALVIN, Leong Ping. The passive voice in scientific writing. The current norm in science journals. *Journal of Science Communication*. v. 13, n.1, 2014. Disponível em: <https://jcom.sissa.it/sites/default/files/documents/JCOM_1301_2014_A03.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2017.
- BASSO, Renato Miguel; ILARI, Rodolfo. Estativos e suas características. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 4, n. 1, p. 15-26, 2004. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1984-63982004000100003>>. Acesso em: 18 mai. 2017.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p.20-28, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 18 mai. 2017.
- CAMACHO, R. G. *Construção passiva e impessoal: distinções funcionais*. Alfa (São Paulo), v. 44, p.215-233, 2000. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4206/3801>>
- DIXON, R.M.W. *Basic Linguistic Theory - Further Grammatical Topics*. v. 3. New York: Oxford University Press, 2012.
- _____. *Basic Linguistic Theory - Methodology*. v. 1. New York: Oxford University Press, 2010.
- GIVÓN, T. *Typology and functional domains*. Studies in Language. v.5, n. 2. Los Angeles: University of California, 1981.
- _____. *Syntax - An Introduction*. v. 2. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.
- GIVÓN, T (Org.). *Typological Studies in Language - Voice and Inversion*. Oregon: John Benjamins Publishing Company, 1994.
- HAWAD, Helena Feres. A voz verbal e o fluxo informacional do texto. *D.E.L.T.A.*, v. 20, n. 1, p. 97-121, 2004.
- ISHIZUKA, Tomoko. *Towards a Unified Analysis of Passives in Japanese: A Cartographic Minimalist Approach*. (Dissertation) Los Angeles: University, 2010. Disponível em: <<http://ling.auf.net/lingbuzz/001036>>. Acesso em: 17 jun. 2017.
- IWASAKI, Shoichi. *Japanese*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2013.
- MAKINO, Seiichi; TSUTSUI, Michio. *A Dictionary of Basic Japanese Grammar*. Japão: The Japan Times, 1989.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; COSTA, Marcos Antonio; CUNHA, Angélica Furtado da. Linguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual de linguística*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

OZAKI, Mariko; KYŌ, Chō; NUMANO, Mitsuyoshi; NOZAKI, Kan (Org.). Exploring Japan's diverse regions. *Worth Sharing - A Selection of Japanese Books Recommended for Translation*. Japan: Japan Foudation, 2012. Disponível em: <http://www.jpf.go.jp/j/project/culture/publication/supportlist_publish/worth_sharing/pdf/vol_2/worth_sharing.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2017.

ROCHA, Fernando Martins. *As vozes verbais na gramática normativa: Aspectos problemáticos*. Dissertação. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-15042014-094816/fr.php>>. Acesso em: 15 mai. 2017.

REZENDE, Patrícia Almeida. Estudo comparativo da voz passiva como ferramenta para o tradutor. *Aviation in Focus*, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 21-29, jan./jul., 2011.

SHIBATANI, Masayoshi. *Passive and related constructions: A prototype analyses*. Linguistic Society of America: Language, 1985. Disponível em: <<http://www.balsas-nahuatl.org/mixtec/Electronic-texts-and-bibliography/Morphology%20and%20synxtac%20general%20theory/Shibatani%20Passives%20and%20related%20constructions.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

_____. *Voice Parameters*. Kobe: Kobe University Repository, 2009. Disponível em: <<http://www.lib.kobe-u.ac.jp/repository/81001543.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

SILVA, Suiane Bezerra da. *Estudo funcional-tipológico da transitividade verbal em português do Brasil aplicado ao ensino*. 2011. 96 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística) -Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/8476/1/2011_SuianeBezerradaSilva.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2017.

SWAN, Michael. *Practical English Usage*. 3rd Edition. New York: Oxford University Press, 2005.

THOMPSON, Chad. Passive and inverse constructions. In: GIVÓN, T. *Typological Studies in language – Voice and Inversion*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1994. p. 47-64.